

CAIU NA REDE É PEIXE – A CONSTRUÇÃO DE SIMULACROS NA WEB

Aureo Guilherme Mendonça
aureo.guilhermemendonca48@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2172598678026175>

RESUMO

A proposta deste artigo é levantar questões sobre o uso das informações na rede, especialmente quando se trata da forma como este assunto vem sendo tratado nas escolas. Quando percebemos que estamos diante de uma realidade escolar ainda conteudística, cartesiana e que privilegia a memória sobre a criatividade, sabemos que se faz necessário repensar todo esse modelo e refletir sobre o papel da internet como redefinidora dos papéis dos personagens que habitam o universo escolar.

Palavras-chave: rede; informação; educação

Considero prudente iniciarmos esse debate com uma reflexão sobre a conceituação de rede. Se apelarmos para um dicionário encontraremos algo próximo desse significado: “Tecido de malha com aberturas regulares. É feita pelo entrelaçamento de fibras que são ligadas por nós ou entrelaçadas nos pontos de cruzamento”. Sei que estamos tratando de uma base muito simples no campo do conceito de rede, mas é exatamente por isto que ela se torna tão necessária, pois podemos extrair dela alguns termos que se localizam na origem da web: entrelaçamento, nós, cruzamento. Hoje, pensar a rede é exatamente esse exercício de verificar como o processo de circulação das informações se estabelece a partir desses pontos e o que deve ser feito para que o peixe certo caia na rede. Já é uma constatação óbvia que o manancial incontável de informações não significa que os internautas sejam bem informados. A ideia de rede vem acompanhada da noção de filtro, no sentido de saber selecionar o peixe certo no meio do universo de detritos que são trazidas pela rede do pescador. Essa é uma noção importante para entendermos a discussão de questões como a de inclusão digital, mas voltaremos a isso mais à frente, agora eu quero continuar mais um pouco nossa reflexão sobre o conceito de rede a partir do seguinte texto de Pierre Musso:

Hoje, o conceito de rede tornou-se uma espécie de chave-mestra ideológica, porque recobre três níveis misturados de significação: em seu ser, ela é uma estrutura composta de elementos em interação; em sua dinâmica, ela é uma estrutura de interconexão instável e transitória; e em sua relação com um sistema complexo, ela é uma estrutura escondida cuja dinâmica supõe-se explicar o funcionamento do sistema visível. (in PARENTE, 2013, p. 32).

Ao passar para esse segundo momento da discussão sobre o conceito de rede, verificamos que os mesmos pontos extraídos de sua significação mais primária, se encontram aqui em seu formato mais complexo: quando pensamos no ser da rede estamos diante do entrelaçamento (estrutura com elementos em interação); os nós, que atam e desatam, são a parte dinâmica do processo estabelecendo “conexões instáveis e transitórias”; e a ideia de cruzamento está bem contemplada nessa noção de “estrutura escondida”. Compreender essas múltiplas formas de funcionamento em rede é uma atitude necessária para que possamos ter clareza acerca das nossas formas de atuação e como podemos interferir em todo processo, afinal o ciberespaço é uma mídia que pressupõe um processo de interação, mas que só é possível a partir do ajuizamento dessa estrutura com o devido protagonismo dos sujeitos, conscientes do seu papel de interlocutores ativos no interior da rede.

Retomando a nossa metáfora, ser bom pescador na rede não é tarefa tão simples, na verdade a maioria dos internautas acaba pescando mais detrito do que peixe e isso representa uma distorção do que deveria ser o papel da web, sempre imaginada como o espaço da primazia do cidadão, a “ágora pública” nos termos de Manuel Castells. Conhecer o funcionamento da rede a partir da sua estrutura pode ser um passo decisivo no sentido de aprimorar o senso crítico diante da tempestade de informações a que somos diariamente submetidos em nossas incursões na rede. Em nosso íntimo estamos sempre esperando muito mais do ciberespaço, porque acreditamos nas potencialidades da vida em rede especialmente como meio de transformação social. A ideia de uma sociedade mais justa e igualitária toma forma refazendo antigos modelos considerados utópicos. O entrelaçamento entre sonho e realidade parece uma constante e vem fortalecendo o trabalho de alguns grupos que atuam nas redes sociais. Entretanto, esse

tem sido muitas vezes um trabalho de Penélope, tecendo e desfazendo o seu tapete para dar tempo à volta do seu Ulisses. A impressão que este tipo de trabalho provoca é que ainda falta algum senso de unidade de ação para transformar atos isolados em um processo contínuo de transformações. De novo eu trago um outro trecho do mesmo artigo do Pierre Musso ainda referenciando essa questão:

As verdadeiras revoluções são, hoje, as rupturas oferecidas pelas tecnologias de comunicação, a começar pela internet, que realiza a utopia da associação universal pelas redes de comunicação. A rede leva sempre consigo um imaginário de transição, entre a liberdade de um sistema piramidal e hierárquico de que o Estado é o arquétipo e a promessa de um sistema futuro, o da associação universal, anunciador de um novo tipo de relação igualitária. (Idem, p. 34)

Para assumir, em toda a sua plenitude, essa “ágora pública” é necessário que tenhamos o controle do processo, conhecendo o funcionamento da rede e assim nos apoderando dos mecanismos tecnológicos para exercer comunitariamente a direção da web. Todos já sabemos que as forças contrárias a esse movimento são muitas e bastante poderosas. Os setores da sociedade mundial que se sentem ameaçados pelo avanço dos grupos que exigem liberdade, privacidade e igualdade na rede, tem procurado ampliar as formas de controle para não perderem a hegemonia no âmbito do poder econômico. O famoso episódio do WikiLeaks envolvendo sua principal liderança, Julien Assange, é uma prova desse fato. A principal bandeira deles é dar transparência aos assuntos de Estado e zelar pela privacidade da vida pessoal dos cidadãos. Para isso eles defendem a adoção de uma linguagem criptográfica que impeça qualquer monitoramento sobre o cotidiano do cidadão comum, já o homem público tem a obrigação de manter transparência em seu trabalho para o Estado. Com essa intenção eles criaram o movimento “cypherpunks” cuja missão é exatamente de exigir que o Estado cumpra com a sua parte.

Os cypherpunks podem instituir um novo legado na utilização da criptografia por parte dos atores do Estado: um legado para se opor às opressões internacionais e dar poder ao nobre azarão. A criptografia pode proteger tanto as liberdades civis individuais como a soberania e a independência de países inteiros, a solidariedade entre grupos com uma causa em comum e o projeto de emancipação global. Ela pode ser utilizada para combater não apenas a tirania do Estado sobre os

indivíduos, mas a tirania do império sobre a colônia. Os cypherpunks exercerão seu papel na construção de um futuro mais justo e humano. É por isso que é importante fortalecer esse movimento global. (ASSANGE, 2013, p. 22)

Assange continua abrigado na embaixada do Equador em Londres onde solicitou asilo político. A questão envolve notícias sobre ações militares dos Estados Unidos no Iraque e no Afeganistão, informações essas obtidas através da invasão aos computadores dos órgãos do governo norte-americano e de países aliados (ação dos cipherpunks). Estou lembrando isto apenas para que possamos perceber o quanto esses interesses das grandes potências é protegido não por questões estratégicas, mas porque eles podem revelar as mentiras pronunciadas nos discursos dos seus chefes de Estado. Por outro lado, toda essa situação também é reveladora de como estamos reféns dessa política internacional e o quanto necessitamos nos mobilizar para que nossos interesses não sejam prejudicados. Espero que tenha ficado claro que hoje as grandes questões não se resolvem mais apenas no âmbito de cada país, porque algumas soluções só podem surgir no plano internacional, mas, concretamente, o que pode ser feito? Como cada país pode se organizar para não ser vítima dessas relações internacionais injustas?

É claro que não existe uma única resposta para essa questão, o que podemos fazer é pensar as saídas possíveis para essa barbárie mundial. Do ponto de vista deste artigo consideramos fundamental que tenhamos uma população com um espírito crítico bastante aguçado e para isso acontecer é necessário que os indivíduos tenham sido criados em um ambiente de estímulo à curiosidade, à pesquisa e desejo de realizar sempre novas descobertas. Infelizmente este não tem sido o nosso caso, as nossas escolas tem se esmerado em desenvolver uma educação que prima pela formação de indivíduos passivos, com uma excelente memória para saber responder às questões propostas pelos professores. Ser bom aluno nesse sistema nem sempre significa ser dotado de uma boa inteligência. Mas como podemos articular alternativas? E qual pode ser o papel das tecnologias de informação e comunicação nesse processo?

O Brasil tem um verdadeiro abismo separando teoria e prática. Possuímos um acervo teórico magnífico no campo pedagógico proveniente do estudo de educadores

brilhantes e que já fizeram um mapeamento da nossa realidade educacional e apontaram saídas que se tivessem sido seguidas teriam dado resultados excelentes e hoje estaríamos diante de um outro padrão de escolas. Mas no plano prático as nossas escolas quase nunca adotaram essas novas ideias preferindo sempre manter a estrutura pedagógica tradicional. Desses educadores intelectuais Paulo Freire é, sem dúvida, o mais emblemático de todos. Escreveu inúmeros livros e criou uma série de conceitos que marcam até hoje nossas análises sobre educação brasileira. Um desses conceitos, o de “educação bancária” aponta para o caráter alienante de um processo educacional que exige do aluno apenas que ele memorize as informações que lhe são passadas pelos professores e que depois – como em um banco – lhe serão cobradas nas avaliações. Para Paulo Freire a escola deveria trabalhar o aluno para que ele se sentisse estimulado a pensar e a fazer suas próprias descobertas, é o que ele também chamava de “Pedagogia da Autonomia”.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade. (FREIRE, 2002, p. 32)

Essa escola tradicional firma sua diretriz em saberes estagnados, como se todo conhecimento a ser obtido pelos alunos estivesse reunido nos livros didáticos. Ela faz o papel de reprodutora desse saber estático e ao aluno só resta decorar a lição. Raros são os projetos em que os alunos são instados a fazer suas próprias descobertas para além dos limites dos textos didáticos. Despertar a curiosidade do estudante para que ele se motive a descobrir e construir seu próprio conhecimento é uma atitude de exceção nas escolas brasileiras. Mas essa escola que caminha descolada do seu próprio tempo está abrindo ainda mais o fosso que a separa da contemporaneidade a partir do avanço das TICs. Agora os alunos podem obter informações muito mais atualizadas e muitas vezes em tempo real, transformando os livros didáticos em peças de museu, entretanto, a

maioria dos professores continua seguindo o mesmo rumo pedagógico obsoleto como se nada de novo tivesse acontecido.

Reparem como tem aumentado a onda de queixas de professores e outros membros da escola com relação à desmotivação e indisciplina dos alunos, que são sempre apontados como os responsáveis pelo seu mau desempenho escolar, já que não prestam atenção às aulas, mesmo com todo o esforço dos educadores para lhes passar o conhecimento. A grande questão é: quem consegue ficar motivado em uma escola em que as pessoas são chamadas a assumirem o papel de ouvintes e nunca são estimulados a apresentar o seu próprio conhecimento ou aprenderem a pensar por conta própria. A internet pode não fazer parte do cotidiano da escola, mas ela invade o convívio escolar através de boa parte dos alunos, que já estão ligados às redes sociais e assim conseguem obter informações muito mais atualizadas do que as transmitidas pela maioria dos professores. Ou seja, os estudantes não estão se matriculando nas escolas para obter conhecimento, mas apenas para adquirir um diploma. É esse o papel da educação? Se transformar em uma máquina de produzir diplomas?

Nesse processo de se isolar do seu contexto a escola tem perdido grandes oportunidades para refazer seu percurso pedagógico e transformar a educação em um trabalho a ser compartilhado com os alunos e repensando toda a estrutura curricular, afinal esse formato compartimentado em disciplinas é uma forma de apresentar o conhecimento de modo fragmentado e, por sua vez, destituído de sentido. Acreditamos que essas mudanças são imprescindíveis e urgentes, mas também defendemos que uma verdadeira inclusão digital seria fundamental suporte dessas transformações que se fazem necessárias. Digo verdadeira porque sei das questões que envolvem a ideia de inclusão digital e que se não for muito bem articulada pode se transformar em uma ponte para ampliar a ação do poder econômico global.

A ideia dominante de inclusão digital como forma de realização da justiça social, por exemplo, é uma justaposição mecânica que, seduzida por um discurso igualitário, desconsidera os fatores contextuais nos quais se dá essa inclusão. Nos discursos e práticas de inclusão digital, o acesso às máquinas informáticas é tomado como sinônimo de

ascensão social ou de participação sociopolítica efetiva, quando na verdade, a informatização generalizada do cotidiano não faz senão o contrário: reforça as estruturas de subordinação e poder da cibercultura e capilariza as redes de produção internacionais até o espaço da vida privada. (CAZELOTO, 2008, p. 197)

As escolas deveriam, ao invés de ignorarem e até combaterem em alguns casos (a proibição de celulares em ambiente escolar), assumir as TICs como ponto de apoio fundamental do Projeto Pedagógico, dessa forma a internet ingressaria como aliada do processo educacional e a escola estaria cumprindo com mais uma missão importante junto à comunidade: ensinando seus alunos a se apropriarem corretamente dessa tecnologia para que a inclusão digital possa significar um passo adiante na autonomia da produção do saber e não se transformar em refém dos interesses de consumo internacionais. A escola tem essa dívida com a comunidade. Na verdade todos se beneficiariam com essas mudanças e a escola assumiria seu verdadeiro papel no campo da produção do saber. Acredito que isto só será possível se os professores abraçarem o projeto, porque é deles a liderança de todo o processo, como nas palavras de Rubem Alves:

(...) acho que o caminho para a renovação da educação no Brasil passa pelo coração e pela cabeça dos professores. Não tem a ver com nova lei, nem com novas instituições, nem com novos prédios. Se você não modificar a cabeça e o coração dos professores, nada acontecerá na educação. (in MOSE, 2013, p. eletrônica)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks – liberdade e futuro da internet**. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital – Uma visão crítica**. São Paulo: Editora Senac SP, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

LEMOS, André. **Cibercultura – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos** (recurso eletrônico). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede – Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

SOBRE O AUTOR:

Aureo Guilherme Mendonça é graduado em História pela UFF e em Pedagogia pela UGB. Possui Mestrado em História e Crítica de Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ e Doutorado em Literatura Comparada pelo curso de Letras da UFRJ. Atualmente é professor associado do curso de Produção Cultural do Pólo Universitário de Rio das Ostras/UFF, atuando na área de Teoria e Crítica de Arte. Criou em 2011 o GEPAT (Grupo de Ensino e Pesquisa em Arte e Tecnologia) onde vem trabalhando com projetos que tratam da questão da inclusão digital em uma escola pública piloto e também em bairros da periferia da cidade.